

Consumidor Ecologista

E D I Ç Ã O E S P E C I A L D O B O L E T I M D O N Ú C L E O
L I T O R A L S O L I D Á R I O

Nesta edição:

A ideologia do consumo por José Lutzenberger

Economia Ecológica-entrevista da com Joan Martínez Alier

Agricultura e mudanças climáticas - adaptado do artigo de André Gonçalves

Baréa: uma escola com muitas boas idéias colocadas em prática, por Elaine Schaeffer

NOSSA ATITUDE PELO PLANETA

Em maio, a ONG WWF- Brasil divulgou uma pesquisa revelando que 98% dos brasileiros consideram a destruição das florestas um problema grave. Enquanto isso, no mundo inteiro, 160.000 km² de florestas- o equivalente a duas vezes o estado de Santa Catarina- são destruídos a cada ano. Sabemos que a Amazônia continua sendo desmatada e que o Cerrado é cada vez mais ocupado pela monocultura de soja. Habitamos no bioma Mata Atlântica, onde restam apenas 5% da cobertura original. Já sentimos os efeitos colaterais das mudanças climáticas globais, como o furacão Catarina, em 2004.

Diante de tudo isso, o que eu estou fazendo pela Terra? É a pergunta que precisa ser respondida com atitudes práticas no dia-a-dia. Separar o lixo e economizar água são bons começos, mas é através do consumo racional de produtos ambientalmente saudáveis que demonstramos nossa disposição para sair do discurso e entrar na ação. Há algumas décadas o pai do ambientalismo brasileiro—José Lutzenberger, já falava sobre esse tema. Na atualidade, economistas- como Joan Martínez Alier -vêm apontando para a necessidade de adotarmos novos conceitos de desenvolvimento. Como a produção em Sistemas Agroflorestais. Além disso, vamos conhecer um pouco de um trabalho em educação ambiental feito em uma escola da região, que nos enche de esperança e alegria. Leia tudo nesta edição pensada especialmente para você deixar de pensar no meio ambiente, para ser parte dele, todos os dias.



Boletim publicado pela ONG Centro Ecológico, através do projeto Consolidando Circuitos de Produção e Consumo de Produtos Ecológicos, implementado com recursos da Rede Terra do Futuro. A Rede Terra do Futuro apóia iniciativas de desenvolvimento sustentável com base na justiça social. Através desta Rede, organizações da Ásia, América Latina e Suécia - onde fica sua sede - são integradas para desenvolver e trocar experiências que viabilizem um mundo mais ecológico, solidário e justo para todos.

A IDEOLOGIA DA SOCIEDADE DE CONSUMO ARTIGO DE JOSÉ LUTZENBERGER

A ideologia da Sociedade Industrial, com sua adoração incondicional da máquina e da produção, é uma religião fanática, com fervor missionário e força de convicção como nunca houve na história da humanidade. Esta religião se considera a única verdadeira e não admite divergências, com todos os meios procura impor-se. Sua imagem e incentivos são tais que todos querem aderir. Divide-se a humanidade em "desenvolvidos", os que já chegaram à atuação de plena industrialização, de consumo e de esbanjamento elevado, mas que nem por isso pretendem parar de "crescer" e "desenvolver-se" ainda mais, e os "subdesenvolvidos", eufemisticamente também chamados de "em vias de desenvolvimento", pobres diabos, tidos como atrasados, pois ainda não conseguiram integrar-se de corpo e alma na tecnologia desenfreada.

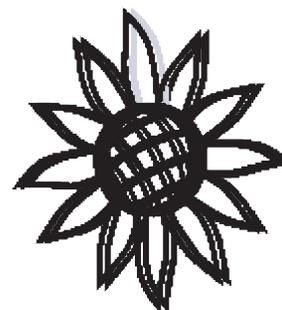
ESSAS CONCEPÇÕES SÃO MUITO RECENTES

Surgiram após a guerra de 1939-45, mas decorrem do dogma fundamental que postula a necessidade do "crescimento" ilimitado. Produção, consumo e população não podem parar de crescer. Queremos consumo material crescente para uma população igualmente crescente. "Progresso", nestes termos, implica a substituição gradativa e mesmo a substituição total da ecosfera pela tecnosfera, isto é, a substituição de tudo que é natural por algo de artificial. Não nos damos conta de que, da mesma maneira que o catavento necessita de vento, a tecnosfera vive da ecosfera. O vento pode existir sem o catavento, o inverso é absurdo.

O dogma do crescimento ilimitado postula que produção, consumo e população não podem parar de crescer.

A RELIGIÃO DO PROGRESSO

Dirão os crentes do "progresso" ilimitado que novas formas de energia e substituições de matérias-primas, com tecnologias ainda por inventar, resolverão todos os problemas do "crescimento". Mas basta aprofundar-se no estudo das alternativas propostas para compreender que, nas ordens de magnitude requeridas para o crescimento indefinido, os custos ambientais seriam ainda mais insuportáveis que os atuais.



O BACANAL DO ESBANJAMENTO



Lutzenberger foi nominado pela imprensa nacional e estrangeira como "pai do ambientalismo brasileiro" ao receber no Parlamento Sueco, em 1988, o Livelihood Award, o Prêmio Nobel Alternativo.

Se a humanidade e a civilização sobreviverem aos próximos cinquenta anos, os historiadores apontarão nossa época como talvez o momento mais anormal de toda história do Homem e os biólogos considerarão este o momento mais crítico da longa história da evolução orgânica. Nunca antes o Homem pôde comportar-se como hoje se comporta e nunca no futuro poderá repetir o atual delírio. O comportamento atual da humanidade pode comparar-se ao pobre diabo que ganhou o grande prêmio na loteria e que, sem saber o que é capital e como preservá-lo, se encontra em pleno bacanal de esbanjamento, seguro de que a festa não terá fim. A sociedade de consumo é uma orgia. Como tal, ela não terá duração. O

momento da verdade é inevitável. Estamos agindo hoje como se fossemos a última geração e a única espécie que tem direito à vida. Nossa ética, que não abarca os demais seres, não inclui sequer os nossos filhos. Nossa megalofilia nos cega diante do limite das coisas. Adoramos a quantidade pela quantidade e perdemos de vista os aspectos qualitativos.

A questão central das propostas de Lutzenberger era a economia definindo-se em função da ecologia.

A QUEM ESCUTAR

Quando tivermos que escolher entre duas alternativas, sem conhecimento de causa, devemos escolher aquelas cujas conseqüências irreversíveis não signifiquem situação inaceitável. Imaginemos que nos encontramos em pleno oceano, numa frágil caravela, na época das grandes conquistas. No horizonte, uma ameaçadora nuvem negra. A tripulação está dividida. A maioria, impaciente em chegar ao destino, insiste em que a tempestade passará ao largo e que devemos continuar a todo pano. Uns poucos, mais contemplativos, precavidos, nos dizem:-cuidado, precisamos de dez a quinze minutos para recolher as velas, em vinte minutos a tempestade pode nos alcançar, vamos agir. Se escutarmos a minoria e ela tiver razão, temos chance. Se ela estiver equivocada, tanto melhor, nada terá acontecido. Mas, se escutarmos a maioria e ela estiver errada, estamos perdidos.

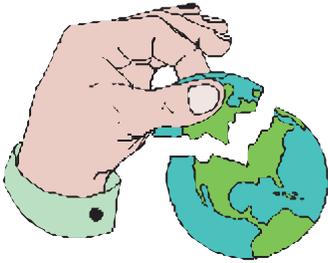
Talvez ainda não seja tarde demais.

Excerto do livro "Manifesto Ecológico Brasileiro - Fim do Futuro?" - Editora Movimento, primeira edição de 1980, publicado no livro Sinfonia Inacabada - a vida de José Lutzenberger, da jornalista e escritora Lilian Dreyer.



Sinfonia Inacabada
518 páginas
Editora: Vidicom / Pelo Planeta Associados

ECONOMIA ECOLÓGICA - ENTREVISTA COM JOAN MARTÍNEZ ALIER



Autor de vários estudos e publicações sobre economia ecológica, ecologia política, questões agrárias e conflitos sócio-ambientais na Espanha e em diversos países da América Latina, o professor da Universidade Autônoma de Barcelona, Joan Martínez Alier, busca mais do que o equilíbrio ecológico: ele defende a justiça ambiental. A seguir, um resumo da entrevista concedida à ENSP – escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, em São Paulo. Vale a pena ler na íntegra em <http://cedoc.ensp.fiocruz.br/informe/materias.cfm?mat=5974>.

ENSP Notícias: O que é economia ecológica?

Joan Martínez Alier: A economia ecológica se diferencia da economia clássica por reconhecer a incomensurabilidade dos valores ambientais e a necessidade de incorporar diferentes abordagens científicas e métodos participativos na análise integrada dos sistemas econômicos e ecológicos. A economia ecológica sustenta que a economia de mercado deve ser tratada como um sistema aberto, ao contrário do conceito clássico de economia. É um sistema aberto porque a energia que alimenta a economia de mercado deixa o sistema em forma de gás carbônico, rejeitos minerais, carvão, entre outros. Geralmente, a energia não é reciclável e os rejeitos se dissipam no meio ambiente. Os recursos naturais são finitos e não são contabilizados pela economia clássica.

ENSP Notícias: Quais são os princípios da economia ecológica?

Joan Martínez Alier: Trabalhamos com duas idéias: tendências e surpresas. As tendências são relativas ao uso de energias materiais. Partimos do pressuposto de que o consumo de energia é refletido no PIB. Quando o consumo de energia cresce, o PIB também cresce. Ou seja: para a economia se fortalecer, é necessário mais energia. Isso é alarmante. O crescimento do PIB ocorre a custo de mais recursos naturais e mais agressão ao meio ambiente. Por exemplo, o dióxido de carbono, fruto de desmatamento e de atividades industriais, agride a atmosfera, contribuindo para o efeito estufa. O plantio de soja, que cada vez mais avança pelas fronteiras agrícolas, é outro exemplo. São problemas gerados principalmente pelo comércio internacional. A tendência é o esgotamento dos recursos ambientais. Quanto à idéia de surpresas, esta se relaciona principalmente às surpresas tecnológicas. Os exemplos são o DDT, o asbesto, as dioxinas, o perigo nuclear, entre muitos outros. Tudo produzido a partir do uso de tecnologia. Por exemplo, os incineradores de rejeitos produzem dioxinas, que são lançadas na atmosfera e podem causar câncer; a queima de petróleo agride a atmosfera e contribui para o efeito estufa; a energia nuclear, que era boa idéia

Um economista convencional, considera mensurável a extinção de uma espécie. Um economista ecológico sabe que uma espécie não tem preço.



a princípio, produz resíduos tóxicos que levam 20 mil anos para não ser considerado um perigo à saúde; o asbesto, matéria-prima do amianto, já proibido em muitos países, causa câncer. Poderia dar muitos outros exemplos.



Temos uma escola mais otimista e outra pessimista. A otimista defende que pequenas mudanças tecnológicas poderiam resolver o problema de agressão ao meio ambiente, impedindo que os recursos naturais sejam reduzidos, ou sejam exauridos, e a poluição. Eu não

acredito nisso. Sou da linha realista.

ENSP Notícias: E o que os realistas defendem?

Joan Martínez Alier: Defendemos a justiça ambiental. O Brasil tem uma rede justiça ambiental (www.justicaambiental.org.br), composta por várias entidades, e da qual a Fiocruz é uma das fundadoras. Acreditamos que os efeitos negativos da poluição estão desigualmente distribuídos. Estão concentradas em áreas pobres das cidades. Por exemplo, o lixo produzido no Rio de Janeiro não é depositado na Zona Sul da cidade, mas em Gramacho, longe dos ricos.

A Petrobrás tira petróleo no Equador, gás natural na Bolívia, ex-*produzem muito*plorando recursos de países pobres. Ao mesmo tempo, o Brasil *CO₂ porque* exporta muito a preço de banana, como se diz aqui. A América Latina, por exemplo, exporta seis toneladas para cada uma to-*consomem muita*nelada importada. Exporta barato e importa caro. *energia. “*

ENSP Notícias: O que os países pobres deveriam fazer?

Joan Martínez Alier: Aumentar impostos de exportação para produtos como madeira, soja, camarão, petróleo e minério por exemplo. A produção da soja está cruzando fronteiras agrícolas; a criação de camarão, no nordeste do Brasil, implica na destruição de manguezais, utilizados por pessoas pobres para sua subsistência; e a extração indiscriminada de madeira está acabando com madeiras nobres como o mogno. Só para citar alguns exemplos.

ENSP Notícias: A sobretaxa resolveria o problema de agressão ao meio ambiente?

Joan Martínez Alier: Em parte, porque seria mais caro comprar estes produtos. O dinheiro poderia ser utilizado para reparar alguns danos ambientais, pelo menos. Outro problema é que os países deveriam formar uma rede para adotar a sobretaxa, porque se o Brasil adota e outro país não, os importadores continuariam tendo alternativas baratas para suprir suas necessidades. Exportar menos e mais caro já seria um avanço. Este é um dos aspectos do que chamamos de justiça ambiental.

É um problema de injustiça ambiental global, porque os reflexos da mudança climática são sentidos em todo globo terrestre.



AGRICULTURA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS A IMPORTÂNCIA DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS



Entre as principais ameaças ambientais da atualidade, as mudanças climáticas ocupam um lugar de destaque. Conseqüência direta do aquecimento global, as mudanças climáticas estão associadas ao aumento da quantidade de desastres naturais ocorridos entre 2005 e 2005. Mas pode ser ainda pior, desconfiam organizações tradicionalmente mais céticas em relação às agressões ambientais, como companhias de seguro, por exemplo. Se a temperatura média da Terra continuar a subir como

nos últimos anos, mesmo a Floresta Amazônica pode ter que se adaptar para sobreviver, através de um fenômeno chamado de savanização, com clima mais seco e quente e poucas árvores. Perda da biodiversidade e extinção de ecossistemas inteiros, são outras conseqüências previstas pelos cientistas. O modelo agrícola convencional, baseado em grandes extensões de terra com o mesmo cultivo, uso intenso de produtos químicos sintéticos e derivados de petróleo, contribui significativamente para emissão de gases de efeito estufa. As grandes distâncias entre os produtores de alimentos e os consumidores finais são as formas mais diretas de emissão de carbono associadas à agricultura.

O efeito estufa, ocasionado pela concentração demasiada de vários gases, como o dióxido de carbono (CO₂), o metano (CH₄), o óxido de nitrogênio (N₂O) e os que são geralmente chamados de clorofluorocarbonos (CFCs), tem como causa principal a queima de combustíveis fósseis nos países industrializados. Entretanto, a intensificação agrícola, fundamentada na utilização de insumos químicos (agrotóxicos e fertilizantes químicos sintéticos), mecanização e sementes que “não funcionam” sem essa química toda, também tem uma enorme parcela de responsabilidade no que se refere às mudanças climáticas. Diretamente, os principais mecanismos em que o manejo dos sistemas agrícolas convencionais contribuem para a emissão de carbono são:

- A) Utilização de combustíveis fósseis em diversas atividades tais como o preparo do solo, aplicação de adubos químicos e agrotóxicos, etc.
- B) Uso de insumos químicos como agrotóxicos e adubos químicos, que incorporam grandes quantidades de energia em sua fabricação e transportes.
- c) A pecuária ocupando extensões de terra cada vez maiores.

“ O mais preocupante é que não são mais os ecochatos que estão alertando para as conseqüências das agressões ao meio ambiente.”



d)O consumo de materia orgânica do solo, principalmente no processo de arar e revolver a terra.

Indiretamente, a expansão da fronteira agrícola vem pressionando áreas originalmente florestadas, como a Amazônia e o Cerrado. Os sistemas alimentares em que os produtores estão cada vez mais distantes dos consumidores são também causas freqüentes de geração de gases de efeito estufa. Uma investigação feita no Reino Unido, por exemplo, demonstraram que o transporte dos produtos agrícolas e alimentares representa 28% do total de produtos transportados nas rodovias, impondo um custo externo



estimado em cerca de dois milhões de libras ao ano.

Por outro lado, os sistemas agrícolas, quando manejados adequadamente, podem se constituir em importantes fontes de acumulação de carbono, compensando as perdas inerentes à agricultura.

Entre as opções com particular potencial para aumentar o seqüestro de carbono, os sistemas agroflorestais ditos complexos, se destacam. Estes sistemas, que genericamente podem ser definidos como o crescimento ou retenção deliberada de árvores juntamente com cultivos e/ou animais na mesma área para obtenção de múltiplos produtos ou benefícios são importantes para mitigação dos gases de efeito estufa na medida em que incorporam o elemento arbóreo, aumentando assim a biomassa total produzida, como também o aumento da matéria orgânica do solo. Ademais, os sistemas agroflorestais podem contribuir para reduzir a pressão sobre os bosques e fragmentos florestais. Outros serviços ambientais como a proteção e regeneração da biodiversidade, a conservação da água e a manutenção da paisagem também são aspectos que justificam a promoção destes sistemas.

Na região de Torres, assessoradas pelo Centro Ecológico, diversas famílias de agricultores vem adotando esta forma de manejo em seus bananais. Organizados também em pequenas associações de agricultores ecologistas e comercializando seus produtos basicamente através de uma rede solidária de circulação de produtos ecológicos, estes agricultores tem viabilizado a capacidade de proteger os recursos naturais e aumentar sua renda sem comprometer a produção. Assim, esta experiência, que todavia tem um caráter demonstrativo, muito mais em virtude da carência de políticas de apoio que propriamente por sua viabilidade técnica, podem ter um papel importante na temática das mudanças climáticas.

Traduzido e adaptado do artigo *La Importancia de los Sistemas Agroflorestales en la Mitigación de los Gases de Efecto Invernadero*, de André Luiz R. Gonçalves, Coordenador técnico do Centro Ecológico e Candidato a PhD no Departamento de Recursos Naturais da Universidade de Cornell, USA.

A marca
Econativa, da
Cooperativa
Regional de
Produtores
Ecologista, será
basicamente de
produtos
agroflorestais.



As ilustrações deste artigo são da ilustradora botânica Zita Swensson. <http://www.artecult.com/zitaswensson/>

UMA ESCOLA, DOIS PROJETOS, MUITAS IDÉIAS COLOCADAS EM PRÁTICA

Do segundo semestre de 2004 até maio de 2006, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom José Baréa, na comunidade de Santo Anjo da Guarda, em Três cachoeiras, RS, acolheu dois projetos propostos pelo Centro Ecológico: o projeto Biodiversidade, apoiado pela ONG holandesa Kerkinactie e o projeto Consumo Solidário, Ecologia e Alimentação Saudável - uma ação para o presente, financiado pelo CFDD – Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos, órgão vinculado ao Ministério da Justiça que tem o apoio administrativo e financeiro da Secretaria de Direito Econômico do Governo Federal. Como principais produtos deste último projeto, foram elaborados: uma revista com a história “Nina e os passarinhos”, contendo uma série de jogos ecológicos educativos destinados a alunos das séries iniciais, e a produção do vídeo educativo “Curtas Ecológicos”, com roteiros dos alunos da 6ª série. Os 5 curtas ecológicos têm o objetivo de levar informações qualificadas a respeito das vantagens da alimentação ecológica e sua relação com a preservação ambiental, saúde e justiça social para professores, alunos e comunidade em geral de nosso município e de municípios vizinhos. A seguir, alguns depoimentos de alunos, alunas da Escola Baréa sobre as vivências nos dois projetos:

“A natureza tem que ser tratada com carinho, porque ela tem carinho por nós. A água vem da natureza, a alimentação também”. André Roberto da Silva, 3ª série.

“Aprendemos a plantar sem agrotóxicos, fizemos um teatro, um vídeo e mudamos nossos hábitos alimentares.” Mariane Machado da Costa, 7ª série.

“Tudo é importante no meio ambiente, até um animalzinho pequeno tem sua função.” Trueici Valéria Machado, 7ª série.

“O projeto biodiversidade foi muito importante para nossa comunidade pois conscientizamos muitas pessoas sobre o mal que o veneno nos traz.” Juciane Feijó Maia, 7ª série.

“Nos trouxe várias idéias de como poder se alimentar melhor, ter uma vida mais saudável e mais longa. Também aprendemos a preservar o meio ambiente, os animais e tudo que existe de bom na nossa vida.” Uilian Evaldt Alves, 8ª série.

Texto: Elaine Schaeffer - educadora, diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom José Baréa. Comunidade de Santo Anjo da Guarda, Município de Três Cachoeiras - RS.

Produtos Ecológicos, amigos do planeta.
Quem consome preserva.
Onde comprar:

Banca do Grupo Rio Bonito - Morrinhos do Sul - sextas-feiras à tarde.

Coopet – Rua José Rolim de Matos - Três Cachoeiras – RS
51 3667 28 47

Coopervida – Rua Irineu Bornhausen - Praia Grande - SC
48 3532 10 30

EcoTorres - Três de Maio, 151 Torres - RS- 51 3664 53 75

Feira Ecológica Lagoa do Violão – sábados das 7h às 12h, no estacionamento do ginásio - Torres – RS

Em Criciúma contatos pelo telefone 48 3437 88 69

Viver Mais Alimentos Saudáveis - Rua XV de Novembro, 1795 – em frente ao colégio Futurão em Aranguá SC
48 35220644

Boletim editado pelo
Centro Ecológico
Núcleo

LITORAL NORTE

Assessoria e Formação em
Agricultura Ecológica

www.centroecologico.org.br

Fone/Fax:

(51) 3664-0220



m a e l a
Movimiento Agroecológico
de América Latina y El Caribe

**CENTRO
ECOLÓGICO**
Litoral Norte
Assessoria e Formação em Agricultura Ecológica

FRAMTIDSJORDEN
FUTURE EARTH - TIERRA DEL FUTURO - TERRA DO FUTURO

